

Conto 1 — Celular Circulando

O banheiro do segundo andar tinha a placa amarelada: “Proibido portar celular no espaço escolar”. Marina tirou o aparelho do fundo da mochila como quem acende fósforo em posto de gasolina: rápido, escondido, errado.

— Dois minutos, ninguém vai ver.

Selfie boba, língua de fora, camiseta levantada um palmo — brincadeira com a melhor amiga, Pri. Legenda privada: “Sexta eu viro meteoro.” Mandou. Achava que era para Pri. Caiu em Caio. Dois minutos depois: notificação. print. Silêncio que dá enjoo.

Corredor. A inspetora gritou:

— Celular guardado, pessoal!

Telinhas sumiram como mágica. Menos a de Caio, que piscou no bolso.

Breno cochichou para Otávio:

— Olha a Marina se achando modelo.

Risada abafada. Marina sentiu olhos virarem para ela como girassóis tortos. Caio tentou um álibi:

— Foi sem querer. O grupo pediu...

— Tu enviou. — Marina cortou. — Pro grupo de quem?

— Os piação. Plural que esconde plural de covardias.

Chegaram prints com figurinhas sobre a barriga dela. Um colocou uma seta: “zoom aqui kkkkk”. Outro pintou um bigode. A piada multiplica quando é corpo. Multiplica por dez quando é proibido, porque o proibido dá gosto de adrenalina errada.

Sala. Prof. Rute notou o riso estranho — aquele que não solta, só aperta.

— Celulares sobre a mesa. Agora.

Metade obedeceu. Outra metade fingiu não ter. Helena, de braços cruzados:

— Eu nem preciso de celular. Só observo e já sei quem tem culpa.

Rogério, no fundo, murmurou:

— Tu observa porque nunca é contigo, né?

Rute escreveu no quadro: “Dignidade.”

— Tema de hoje. Escrevam sobre um erro que fariam o favor de não repetir.

Mãos tremeram. Caio virou pedra. Marina desenhou um quadrado preto: tela. Dentro, olhos. Araci escreveu firme: “Erro é achar que a vergonha é da vítima. Quem ri carrega metade.”

Banheiro de novo. Pri abraçou Marina como guarda-chuva.

— Quer que eu fale com a Rute?

— Quero que volte no tempo.

— Não volta.

— Então quero que pare o eco.

— Dá pra diminuir.

Pri criou um grupo novo: “Desliga o moinho”. Três pessoas: ela, Marina, Lia.

Plano: inundar a timeline com outra coisa. E registrar a denúncia sem fofoca. Coordenação. Rute trouxe a palavra seca:

— Vazamento de imagem de aluna. Além da quebra da regra do celular. É crime.

Olhares baixaram. Caio afundou dois centímetros. Breno soprou no ouvido de Otávio:

— Crime pesado só por foto?

Araci ouviu.

— Crime pesado é rir da dor dos outros e achar leve.

Silêncio.

— Quem repassou, apaga. Quem recebeu, entrega. Responsável direto, conversa hoje com responsável legal.

Pátio. Lia e Pri começaram a inundação: postagens com frases curtas — “Brincadeira sem consentimento é agressão”.

Aline colou cartaz feito à mão: “Se tu precisa esconder, já tá errado.”

Rogério, comendo devagar, murmurou:

— Se fosse comigo, iam zoar o lanche também.

Helena retrucou:

— Mas contigo ia ser mais fácil. Tu não liga.

Rogério olhou fundo:

— Todo mundo liga. Só não mostro sempre.

Helena baixou os olhos, desconfortável pela primeira vez.

Caio tentou de novo:

— Eu apaguei.

— O print não apaga. Aprende a frase. — Marina seguiu.

Fim do dia. Rute leu em voz alta um texto anônimo (mas todo mundo sabia de quem era):

— “Dignidade é o direito de não virar figurinha.”

Ônibus. Marina segurou o celular como quem segura bicho. Pri mandou: “Bolo amanhã?”

— Bolo, sim. — respondeu. — E a gente escolhe a cobertura. Sem print.

O eco não parou inteiro. Mas diminuiu. Aprendeu nomes: autoria, consentimento, crime, e regra quebrada que não é esperteza, é risco.

No portão, um cartaz novo colado pela coordenação:

“Não é moralismo. É direito. E celular fora de hora não é liberdade. É brecha.”

Assinado: muita gente.

Marina guardou o rosto no casaco, mas os olhos vieram pra fora. Ver não é o mesmo que expor.

— *Vamos, meteoro.* — Pri cutucou. — *Amanhã a gente cai brilhando no lugar certo: prova de história.*

As duas riram do próprio medo. E o mundo, pelo menos naquela quarta, aprendeu um pixel.

FIM